



A Santa Sé

JOÃO PAULO II

AUDIÊNCIA GERAL

Quarta-feira, 12 de Novembro de 1980

A espontaneidade é verdadeiramente humana quando é fruto amadurecido da consciência

1. Hoje retomamos a análise, iniciada há uma semana, sobre a recíproca relação entre o que é «ético» e o que é «erótico». As nossas reflexões desenvolvem-se dentro do contexto das palavras pronunciadas por Cristo no Sermão da Montanha, com as quais Ele se referiu ao mandamento «não cometerás adultério» e, ao mesmo tempo, definiu a «concupiscência» (o «olhar concupiscente») como «adultério cometido no coração». Destas reflexões resulta que o «ethos» está relacionado com a descoberta de uma nova ordem de valores. É necessário encontrar continuamente naquilo que é «erótico» o significado esponsal do corpo e a autêntica dignidade do dom. Esta é a tarefa do espírito humano, tarefa de natureza ética. Se não se assume tal tarefa, a própria atracção dos sentidos e a paixão do corpo podem não passar de pura concupiscência privada de valor ético, e o homem, varão e mulher, não experimenta aquela plenitude do «eros», que significa o impulso do espírito humano para aquilo que é verdadeiro, bom e belo pelo que aquilo que é «erótico» se torna também verdadeiro, bom e belo. É indispensável, por conseguinte, que o ethos se torne a forma constitutiva do eros.

2. As mencionadas reflexões estão intimamente ligadas ao problema da espontaneidade. Com bastante frequência considera-se que é precisamente o ethos a tirar espontaneidade àquilo que é erótico na vida e no comportamento do homem; e por este motivo se exige o afastamento do ethos «em vantagem» do eros. Também as palavras do Sermão da Montanha pareceriam dificultar este «bem». Só que, tal opinião é errónea e, em qualquer caso, superficial. Aceitando-a e afirmando-a com obstinação, não chegaremos nunca às plenas dimensões de eros, e isto repercute-se inevitavelmente no âmbito da relativa «praxis», isto é no nosso comportamento e

também na concreta experiência dos valores. De facto, aquele que aceita o ethos do enunciado de Mateus 5, 27-28, deve saber que é também *chamado à plena e matura espontaneidade* das relações, que nascem da perene atracção da masculinidade e da feminilidade. Precisamente tal espontaneidade é o fruto gradual do discernimento dos impulsos do próprio coração.

3. *As palavras de Cristo são rigorosas*. Exigem do homem que ele, no âmbito em que se formam as relações com as pessoas do outro sexo, tenha plena e profunda consciência dos próprios actos e, sobretudo, dos actos interiores; que ele tenha consciência dos impulsos interiores do seu «coração», a ponto de ser capaz de os individualizar e qualificar de modo circunspecto. As palavras de Cristo exigem que nesta esfera, que parece pertencer exclusivamente ao corpo e aos sentidos, isto é ao homem exterior, ele saiba ser verdadeiramente homem interior, saiba obedecer à recta consciência; saiba ser autêntico senhor dos próprios impulsos íntimos, como um guarda que vigia uma fonte escondida; e saiba, por fim, tirar de todos aqueles impulsos o que é conveniente para a «pureza do coração», construindo consciente e coerentemente aquele sentido pessoal do significado esponsal do corpo, que abre o espaço interior da liberdade do dom.

4. Pois bem, se o homem quiser responder ao apelo expresso por Mateus 5, 27-28, deve, perseverante e coerentemente, *aprender o que é o significado do corpo*, o significado da feminilidade e da masculinidade. Deve aprendê-lo não só através de uma abstracção objectivizante (embora também isto seja necessário), mas sobretudo na esfera das reacções interiores do próprio «coração». Esta é uma «ciência», que não pode ser verdadeiramente aprendida apenas dos livros, porque se trata aqui em primeiro lugar do profundo «conhecimento» da interioridade humana.

No âmbito deste conhecimento, o homem aprende a discernir entre o que, por um lado, compõe a multiforme riqueza da masculinidade e da feminilidade nos sinais que provêm da sua perene chamada e atracção criadora, e o que, por outro lado, traz só o sinal da concupiscência. E embora estas variantes e tonalidades dos impulsos interiores do «coração» num certo limite se confundam entre si, deve todavia dizer-se que o homem interior *foi chamado por Cristo a adquirir uma avaliação ajuizada e completa, que o leva a discernir e julgar os vários impulsos do seu próprio coração*. E é necessário acrescentar que esta tarefa pode realizar-se e é realmente digna do homem.

De facto, o discernimento de que estamos a falar está em relação essencial com a espontaneidade. A estrutura subjectiva do homem demonstra, neste campo, uma específica riqueza e uma clara diferenciação. Por conseguinte, uma coisa é, por exemplo, uma nobre satisfação, outra, pelo contrário, o desejo sexual; quando o desejo sexual está ligado a uma nobre satisfação, é diferente de um mero e simples desejo. Analogamente, no que diz respeito à esfera das reacções imediatas do «coração», a excitação sensual é muito diversa da emoção profunda, com que não só a sensibilidade interior, mas a própria sexualidade reage à expressão integral da feminilidade e da masculinidade. Não se pode desenvolver aqui mais amplamente este

argumento. Mas é certo que, se afirmarmos que as palavras de Cristo segundo Mateus 5, 27-28 são rigorosas, são-no também no sentido que em si contêm as exigências profundas relativas à espontaneidade humana.

5. Não pode haver tal espontaneidade em todos os estímulos e impulsos que nascem da mera concupiscência carnal, desprovida, como ela é, de uma opção e de uma jerarquia adequada. É precisamente à custa do domínio sobre eles, que o homem alcança aquela *espontaneidade mais profunda e amadurecida*, com que o seu «coração», refreando os instintos, descobre a beleza espiritual do sinal constituído pelo corpo humano na sua masculinidade e feminilidade. Ao consolidar-se esta descoberta na consciência como convicção, e na vontade como orientação, quer das possíveis opções quer dos simples desejos, o coração-humano torna-se participante, por assim dizer, de outra espontaneidade de que nada ou pouquíssimo sabe o «homem carnal». Não há dúvida alguma que, mediante as palavras de Cristo segundo Mateus 5, 27-28, somos chamados precisamente a tal espontaneidade. E a esfera mais importante da «praxis» — relativa aos actos mais «interiores» — é talvez mesmo a que traça gradualmente o caminho para tal espontaneidade.

Este é um vasto assunto que nos convirá retomar novamente, quando nos dedicarmos a demonstrar qual é a verdadeira natureza da evangélica «pureza de coração». Por agora terminamos dizendo que as palavras do Sermão da Montanha, com as quais Cristo chama a atenção dos seus ouvintes — de outrora e de hoje — sobre a «concupiscência» («olhar concupiscente»), indicam indirectamente o caminho para uma amadurecida espontaneidade do «coração» humano, que não sufoca os seus nobres desejos e aspirações, mas, pelo contrário, os liberta e, em certo sentido, os favorece.

Baste por agora o que dissemos sobre a recíproca relação entre o que é «ético» e o que é «erótico», segundo o ethos do Sermão da Montanha.

Saudações

Aos peregrinos polacos

Diante de vós aqui presentes, desejo hoje exprimir a minha alegria pelo que ocorreu nos últimos dias na nossa Pátria: pelo sábio e prudente acordo, ao qual se chegou entre as autoridades e os novos sindicatos, Sindicatos independentes, que à base do estatuto aprovado iniciam as suas actividades.

Desejo também, de coração, enviar uma bênção a essas novas instituições, que reúnem tão

grande número dos meus compatriotas, trabalhadores, tanto operários como empregados. Desejo ao mesmo tempo que esta maturidade, que nos últimos meses caracterizou o modo de agir dos nossos compatriotas, continue a ser-nos própria, e que a Polónia continue a encontrar apoio naquelas forças do espírito que, por Cristo, pelo Seu Evangelho, pela Sua Cruz e por Sua Mãe, se tornaram grande património da nossa Pátria. Desejo que vós, aqui presentes, transmitais estes meus melhores votos, as minhas palavras e orações a todos os que vivem na Pátria e também fora das suas fronteiras.

Aos participantes na Conferência Internacional sobre os alimentos extraídos do mar

Tenho o prazer de dar as boas-vindas aos participantes na Conferência Internacional sobre os alimentos provenientes do mar e que está a realizar-se em Roma. Os vossos esforços para aumentar a produção dos alimentos provenientes do mar são, sem dúvida, uma empresa digna de louvor num mundo que sofre frequentemente carência de recursos alimentícios. Elogio, por isso os vossos esforços. Ao mesmo tempo estimulo-vos a estudar modos e meios para atender directamente àqueles que padecem fome. É um problema moral, difícil e crucial ao mesmo tempo, para a nossa comunidade global de hoje. E, procurando dar-lhe uma solução, respondemos à Palavra de Deus que nos exorta a pensar nas necessidades dos outros. Espero que as vossas deliberações destes dias não só ajudem o vosso trabalho na produção de alimentos provenientes do mar, mas também enriqueçam a vossa vida individual.

*A peregrinação organizada pelo semanário católico alemão
"Leben und Erziehen" (Viver e educar)*

Dirijo uma especial saudação aos peregrinos alemães que este ano vieram a Roma em tão grande número; de entre eles saliento os leitores da revista "Leben und Erziehen" aqui presentes, provenientes da diocese de Aquisgrano.

O título desta louvável publicação leva-me a recomendar-vos muito encarecidamente a mensagem da recente Assembleia do Sínodo dos Bispos sobre a família cristã: lede e estudai esta mensagem, de modo que possa produzir fruto nas vossas próprias famílias e vos torne capazes de serdes para as outras famílias protecção e apoio. A bênção de Deus vos acompanhe nesta importante tarefa.

Aos participantes no Curso do Secretariado Unitário de Animação Missionária

E agora dirijo, a minha saudação aos participantes no Curso promovido pelo Secretariado Unitário de Animação Missionária. Caríssimos Filhos, é vossa intenção estar presentes com um contributo específico nos lugares e momentos qualificativos das opções pastorais da Igreja Italiana, a fim de as abrir para um horizonte missionário cada vez mais amplo. Ao manifestar-vos o meu apreço por estes propósitos, desejo encorajar-vos a prosseguir no empenho de aprofundar a compreensão

entre os vossos Institutos, a fim de coordenar cada vez melhor as suas iniciativas, fazendo delas uma expressão de comunhão eclesial operante. A minha Bênção Apostólica vos conforte.

Às Superiores das Religiosas que se dedicam ao apostolado nas prisões italianas

Estão presentes nesta Audiência as Superiores das Religiosas que se dedicam ao apostolado nas prisões italianas. Ao dirigir-vos a minha saudação, caríssimas Filhas, aproveito de bom grado o ensejo para renovar a expressão do meu apreço pela obra preciosa das vossas Religiosas, que se entregam todos os dias: a um serviço solícito e paciente, de grande valor humano e cristão. A elas e a vós, que as representais aqui, concedo a propiciadora Bênção Apostólica.

Copyright © Libreria Editrice Vaticana

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana